

CONCLUSÃO

“Os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem.”

Marcel Proust

Nessa pesquisa tentei analisar um fotógrafo específico e sua bagagem teórica e artística bastante única que o levou a dialogar com tantos pensadores e teóricos, a tomar certas decisões e seguir caminhos bastante reveladores. Os temas que foram surgindo para serem discutidos foram inúmeros, as interpretações extensas e agora, diante deste fechamento de trabalho, ainda não me sinto confortável para escrever uma conclusão e estabelecer um ponto final definitivo. Na verdade, nem acredito que haja um ponto final categórico para todas essas questões que delineeii ao longo dessas páginas e que espero ter conseguido esclarecer. Impressionantemente, partindo apenas de um fotógrafo japonês, que saiu de uma pequena ilha em direção ao mundo, sem grandes expectativas e sem achar que criaria uma obra com tanta repercussão, foi possível discutirmos a linguagem fotográfica e apreendermos uma nova percepção de tempo e de real.

Essa nova percepção sobre a temporalidade da fotografia, só possível ser pensada nos dias de hoje, diante do trabalho e das idéias de um fotógrafo permeado por diferentes culturas e influências, nos faz rever a própria temporalidade da nossa existência. O tempo contemporâneo é o tempo das novas tecnologias que embaralham os signos e as representações, criam mundos virtuais, des-realizam o real e aceleram o ritmo. O presente e o passado se tornam virtuais e o futuro adquire um valor demasiadamente grande, o que verdadeiramente vale ainda não veio, mas está por vir, o que vale está sempre em anúncio. Hoje não há mais espera, não há mais retardo no clique da foto, tudo é presente: doenças, desejos, vontades, dinheiro... O tempo jorra em todos os lugares, e lidamos com ele de maneira ansiosa, sempre querendo preenchê-lo com sensações externas. O que entendemos por espera se resume numa crença diante do futuro, que aquilo que desejamos hoje se concretize o mais rápido possível:

inscrevemos no instante uma expectativa. É difícil nos situarmos dentro desse eterno anseio, dentro dessa realidade ilusória.

Bergson tentou superar essa experiência de tempo calcada na sucessão de instantes independentes, onde o presente está separado do passado e só o que vale é uma expectativa em direção ao futuro. Na experiência do tempo como duração nada se perde, o presente não é senão uma prolongação do passado que opera incessantemente até o futuro, numa experiência contínua, flexível e em constante fluidez. O processo de intuição é importante para sairmos desse ritmo acelerado do dia a dia e conseguirmos entrar em contato com a duração. Por esse caminho seguem também os budistas, que acreditam que o mundo, as pessoas, a natureza, ou seja, tudo está conectado. E é se conectando ao universo através da fluidez da intuição que conseguimos entrar em contato com nosso pensamento vivo, quebrar com o espiral da realidade ilusória e entrar em contato com a realidade móvel, una e total.

Duchamp, seguindo seu próprio caminho, também sugere um atraso e um confronto diante dessa temporalidade ilusória. Com sua arte anti-retiniana, ele propõe o alargamento do tempo. Sua obra não é nem uma pintura, nem uma escultura, nem uma fotografia, mas apenas uma estrutura que não se fecha exclusivamente em um estado, mas se abre intuitivamente para toda uma existência, e em última instância, para a própria duração.

Os minimalistas, trilhando o seu percurso, lidando com as suas influências e as suas problemáticas, encontram outra alternativa para a temporalidade na arte. Com seus objetos tridimensionais, um pouco como instalações, eles também unem a obra à totalidade do mundo e a aproximam do espectador, quebrando com a distância e criando um envolvimento. Isso leva o público a se perder intuitivamente na composição e nas formas dos objetos, entrando em contato com estados variados da mente, como as emoções e sensações, ou seja, com sua própria imaginação e memória. As obras minimalistas também conseguem, de uma outra maneira, nos ajudar a vislumbrar o tempo qualitativo, mutável e em constante transformação.

Assim como os pensadores e os artistas que o influenciaram, o trabalho de Hiroshi Sugimoto é também um questionamento constante com a temporalidade e uma ruptura consciente do fotógrafo com essa vertigem da tecnologia, esse espiral de novidades e de novas informações que transformam o tempo presente numa projeção contínua do futuro. Nosso fotógrafo consegue quebrar com o “pensamento cinematográfico” da inteligência, e seguindo as idéias de Lissovsky, chega pelo instante fotográfico, tido como imobilidade, ao imóvel. Sugimoto supera o instante, que seria um ponto matemático retirado arbitrariamente de uma duração, e consegue abrir a fotografia para o tempo propriamente dito, nos colocando na duração verdadeira.

Nos tempos atuais, nós não paramos mais, não contemplamos mais, não pensamos mais. De repente, nos deparamos com as fotografias de Hiroshi, seus *Seascapes*, e somos obrigados a nos perder, a ceder-nos. Mergulhamos no acúmulo de suas ondas. Ele não fotografa o palpável, o objetivo ou o referencial, ele fotografa idéias. Ele se distancia dos objetos concretos preferindo se concentrar em coisas etéreas, e apesar da permanência que ele imprime nas linhas do horizonte, nada mais etéreo do que água e ar.

As paisagens conceituais dos mares nos fazem parar e contemplar, mas não de uma maneira romântica ou idealizada, pois suas fotos são desprovidas de uma tragicidade romântica. Contemplamos uma nova lógica, um novo caminho, uma nova maneira de encararmos o tempo que há tempos não sabemos mais olhar. O tempo aqui não é mais o tempo virtual, mas o próprio tempo, e somos obrigados a lidar com ele. Sugimoto deixa as fotos levemente fora de foco e mostra as marcas do tempo¹⁰⁶; é o tempo deixando seu rastro na própria foto, deixando seu vestígio. E cada foto de Sugimoto é estudada e pensada anteriormente, nada é acidental. O tempo é pensado antes de fazer a foto, entre o olhar e o apertar do botão, ao fazer a foto, pois cada imagem tem um tempo de exposição em torno de meia hora, e mais ainda, ao nos depararmos com a foto pronta. É nesse momento, passado todos esses processos, que se revela a duração no instante.

¹⁰⁶ “Traces of time”